duma sua autobiografia e de cartas inéditas, escritas numa prosa verdadeiramente familiar, deu mais relevo ainda aos aspectos mais adiantados e comunicativos do seu espírito.

Bocage. — A personalidade de Manuel Maria Barbosa du Bocage (n. 15/9/1765 — † 21/12/1805) parece concretizar a fase final e insanável do conflito entre o arcadismo e o romantismo, entre a dependência relativamente às instituições feudais-absolutistas e relativamente ao público editorial, entre o enquadramento absolutista-senhorial e o enquadramento burguês do escritor.

Nascido em Setúbal, filho de um advogado e de uma senhora francesa que, com o apelido, lhe deixou a vaidade do parentesco com uma poetisa francesa que também o usava, o jovem Manuel Maria parece desde muito cedo dominado pela ideia da sua missão de poeta e de uma predestinação sentimental e trágica segundo o modelo camoniano. Assenta praça aos 14 anos e matricula-se depois na Academia Real da Marinha. Dissipa os 5 anos seguintes, que devia dedicar ao curso, consagrando-se como uma das principais figuras de botequim, outeiros e boémia.

Embarca em 1786 para a Índia, com passagem pelo Rio de Janeiro. Vive dois anos em Goa, expandindo as suas saudades da Pátria e os seus ciúmes por uma Gertrudes (em verso arcádico, Gertrúria), sempre perseguido pela obsessão do paralelismo da sua vida com a de Camões. E, efectivamente, como o seu avatar, conheceu a devassidão colonial goesa e estadias aventurosas em diversas paragens orientais, incluindo Macau. Regressa com 25 anos a Lisboa, onde encontra Gertrudes casada com o próprio irmão.

Figura na Arcádia dos salões do conde de Pombeiro, mas em breve satiriza essas «quartas-feiras de Lereno», o presidente delas, e depois os outros confrades mais notáveis. Mais tarde, atacará em especial José Agostinho de Macedo, que com certa razão lhe censura o tom egolátrico do prólogo à tradução dos *Jardins* de Delille. Em 1797 é preso e processado, pelas irreverências antimonárquicas e anticatólicas da sua musa improvisadora e popular, sobretudo na libertina *Carta a Marília*, mais conhecida pelo contundente verso inicial, *A Pavorosa Ilusão da Eternidade*. Depois de vários meses de clausura no Limoeiro e nas masmorras inquisitoriais, obtém, ao cabo de súplicas e retractações, uma transferência para o mosteiro de S. Bento e deste para o convento dos Oratorianos, donde sai, conformista, regrado e precocemente gasto, a ganhar com traduções o sustento próprio e de uma sua irmã.

O Elmano Sadino da Nova Arcádia é já romântico por temperamento, apesar de muito vocabulário e muito alegorismo arcádicos e dos seus laivos de iluminismo.

A sua arte versificatória, sobretudo no soneto, tem tido muitos admiradores, entre os quais se destaca o parnasiano brasileiro Olavo Bilac. Todavia, esse encanto é um tanto monótono e fácil, e a sua orquestração verbal das grandes expansões tumultuosas soa muitas vezes a falso. O que o distingue melhor é a matéria psicológica que traz pela primeira vez à poesia portuguesa: o sentimento agudo da personalidade, o horror do aniquilamento na morte. Tal egotismo percebe-se ainda na maneira abstracta e retórica com que, em nome da Razão, se revolta contra a humilhação da dependência e contra o despotismo; no gosto do fúnebre e do nocturno, e nos clamores não menos retóricos de ciúme, de blasfémia ou contrição.

Esse gosto já tão romântico do funéreo e tenebroso percorre grande parte da poesia de Bocage. *Quero fartar o meu coração de horrores*, desfecho de um dos sonetos mais característicos, compendia a sua imaginação sedenta do *hórrido* ou *horrendo*, de *horríssonos* furores: tempestades reais ou míticas, crimes lendários, históricos ou noticiados nas gazetas, pesadelos, agonias *frenéticas*, visões de antros ou abismos, minuciosas descrições de beberagens, esconjuros e outros bruxedos. Não se sabe em que medida isto é o simples saborear de uma estética (dantesca, shakespeariana e, então, romântica) do *locus horrendus*, que vira do avesso o *locus amoenus* do pastoralismo clássico; em que medida o poeta é efectivamente presa de uma obsessão irracional incontrolável, uma espécie de pavor sagrado à procura de imagens; ou em que medida isso traduz uma ânsia, ao mesmo tempo inextinguível e medrosa, de abarcar numa consciência humana todos os medos e dores que ela, espontaneamente, evita, que ela mal enfrenta sem se desagregar. Em qualquer caso, a expressão mais vivida, original e comunicativa dos seus horrores encontra-se nos sonetos, epístolas e no poema narrativo *Trabalho da Vida Humana* onde refere as suas provações e aflições do cárcere.

As traduções de Delille, Castel, Rosset, Lacroix que, na última fase da vida, fez, ao par das de Virgílio e Ovídio, contribuíram para a insinuação de um certo gosto descritivo entre nós, mas já vimos que o tradutor estava longe de dar a notação sensorial precisa de um pré-romântico como Bernardin de Saint-Pierre. É que o seu egocentrismo, manifestado em constantes vocativos a Elmano, ao Desgraçado, em constantes pronomes da primeira pessoa, na sua confiança em renome póstumo, no próprio auto-retrato do famoso soneto «magro, de olhos azuis, carão moreno» e de outras poesias; é que o tema insistente do ciúme, o niilismo impressionante de cerca de uma dezena dos seus sonetos, que reaparecerá em Antero de Quental, tudo tropeça numa expressão literária que, ao contrário do que sucede com Tolentino, e por vezes com Anastácio da Cunha, não consegue desfazer-se da fraseologia arcádica e da imitação camoniana.

É ver como a técnica literária de Bocage se embaraça em personificações, por vezes ainda sobrecarregadas de epítetos inúteis: Fado, Desventura, Virtude, Inveja, Razão, Traição, Liberdade, Formosura, Ciúme, Desengano, Discórdia, Sofrimento, Morte, etc. Isto mostra bem, afinal, como as personificações mitológicas na Arcádia correspondiam a um pensamento nebuloso, que ainda agora por falta de fôlego se detinha em alegorias abstractas maiusculadas.

Com esta expressão ainda abstractamente alegórica da sensibilidade e do conceito de vida devemos relacionar toda uma estilística de encarecimento, cuja monotonia José Agostinho denunciou: perífrases arrastadas («bebendo em níveas mãos, por taça escura/de zelos infernais letais venenos»); visão hiperbólica do próprio transe poético, das paixões, do ciúme, dos lances trágicos e das paisagens tempestuosas, pelo recurso à interjeição, à reticência, à anáfora, à apóstrofe, à onomatopeia, ao estilo imitativo, à antítese amplificante, a um vocabulário pretensamente estarrecedor: *báratro, hórrido monstro, tartáreo abismo, sulfúreo lume, umbrosos mistérios, horríssonos furores*, etc.). Este

hiperbolismo acha-se à vontade na narrativa dos casos truculentos que escolhe para as cantatas (*Medeia; Castro; Hero e Leandro*); e nem mesmo está ausente dos panfletos *libertinos*, isto é (de acordo com o significado original da palavra), aqueles onde todavia palpita a convicta reivindicação de uma liberdade de pensar, gozar e amar sem outros limites que não sejam o da própria consciência racional e moral, aliás deísta.

O mais interessante é verificar a coexistência de tudo isto com imensos idílios, epístolas do mais suporífero convencionalismo arcádico; ou, por outro lado, com expressões de um erotismo enlanguescente, como:

> «Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
> dar-me em teus brandos olhos desmaiados
> morte, morte de amor, melhor que a vida».

Egotismo, marulho do verso, tilintar da rima, estilo hiperbólico, erotismo lânguido — isto é já expressão romântica. E na própria fraseologia se nota que a forma arcádica estala por todos os lados. Há um ímpeto que ainda não vê como realizar-se. Ou, pelo contrário, a linguagem desce de súbito ao nível coloquial: adjectivação como a de «cadáver mirrado», «alma aflita»; versos como «era fiel, amava-me — e deixei-o», dão-nos também, mas pela sua naturalidade, a sobreposição da voz à leitura silenciosa e erudita. Como já notava Herculano, referindo-se a Bocage, a poesia descia do salão à praça.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. 5ª época – O século das luzes – Bocage. In: ____. História da literatura portuguesa. 8 ed. Portugal: Porto Editora, 1975, p.714-717.

BIBLIOGRAFIA:

1) TEXTOS

A bibliografia de vários dos autores deste capítulo é extraordinariamente complexa, pelo que o estudioso deverá recorrer ao dicionário de Inocêncio e seus continuadores, e ao Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Augusto Vitorino Sacramento Blake, Rio, 1883-1902 (*Indices alfabéticos* de Jango Fisher, Rio, 1937, e José Soares de Sousa, São Paulo, 1908); ou, um